

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. . \$090

N.º 52 — VOL. III.

Sabbado 31 de Dezembro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

Summary.

Artigos — Historia da actualidade — New-York — Quadras historicas, conclusão — Observações ácerca dos vasos chinezes de guerra — Duas mulheres da época, continuação — O dia de Natal — A queda do Neptuno do Loreto.

Historia da actualidade.

Continua chamando a attenção publica o folheto intitulado *Papa e o congresso*, que tem sido reproduzido em quasi todos os jornaes europeus, pelas idéas politicas expendidas n'elle relativamente á constituição do povo romano.

— A subscrição para o monumento que os italianos querem levantar á França já monta a quatro mil novecentas quarenta e tres libras.

— O cardeal Antonelli já embarcou com destino a França, onde terá de assistir ao congresso.

— Firmou-se na America a paz entre Buenos-Ayres e o general Urquiza, por mediação do Paraguay.

— Por este convenio Buenos-Ayres será incorporada na confederação argentina.

— O *Times*, não se sabe com que fundamento, diz que talvez já não tenha logar a reunião do congresso europeu.

— John Brown e seus companheiros foram justificados nos Estados-Unidos.

— As armas hespanholas vão ganhando triumphos na campanha de Marrocos; por ora não houve porém ainda alguma acção de grande nome.

— Aqui em Portugal não se tem tratado esta semana senão de assumptos eleitoraes, sendo grandes os meios empregados pelo governo e pela opposição para respectivamente fazerem vingar os seus candidatos.

— O duque de Nemours, filho do ex-rei Luiz Philippe, é esperado em Lisboa, no proximo paquete, e será hospedado no palacio das Necessidades.

— As futuras camaras legislativas tem de se reunir no dia 26 de Janeiro proximo.

— O enfermeiro mór do hospital de S. José, Sequeira Pinto, foi suspenso d'aquelle cargo, em virtude de representação da commissão de inquerito, e por e te facto o dito empregado pediu a demissão, que lhe foi concedida.

New York.

New-York, capital do estado do mesmo nome, na

America, é uma grande e forte cidade, em uma ilha na foz do rio Hudson. Os holandezes em 1609 estabeleceram ahí uma feitoria que medrou a despeito mesmo d'uma colonia ingleza, estabelecida de frente no outro lado do East-River. Os holandezes tinham organizado a administração modelando-a pela das cidades da mãe patria, e tornando-a assim florecente, com o nome de New-Amsterdam, concedendo-lhe o governo muitos e grandes privilegios.

A guerra entre o Protector e a Hollanda veio perturbar a tranquillidade da colonia. Estes estabelecimentos americanos foram dados por Carlos II a seu irmão, o duque d'York. Por esse tempo uma esquadra ingleza, commandada por Richard Nichols, appareceu diante de New-Amsterdam, e o governador Stuyvesant foi obrigado pelos habitantes a entregar a cidade aos inimigos. A colonia tornou-se assim ingleza, e mudou de nome, de costumes e de idioma ao mesmo tempo que mudou de senhor. Desde esta epoca o seu progresso tem sido constante.

Em 1776, no tempo da conquista pelos inglezes, era a população de quinze mil almas; em 1800 era de sessenta mil; em 1850 de quinhentas quinze mil trezentas noventa e quatro; actualmente contam-se em New-York seiscentos mil habitantes.

Entre as novas construcções que se estendem para o norte da ilha existe a Broadway, a mais famosa rua de New-York, que tem um terço de legua de comprida, e setenta pés de larga, terminando ao sul em uma magnifica praça e um bello passeio. Nesta rua, que divide a cidade em duas partes quasi eguaes, estão reunidos os mais ricos armazens, passeios e monumentos.

Pouco mais ao longe, ha um jardim fechado com uma bella grade de ferro. Chama-se *City-Park*. Esta cercado de edificios publicos: *City-Hall*, *New-City-Hall*, *Hall of Records*, e a *Rotunda*, onde existem diferentes repartições.

O *City-Hall* é considerado como um dos mais bellos monumentos da União. Não e porém seguramente pela unidade do estylo que merece esta reputação. Apparecem ahí reminiscencias da architectura antiga, mas tambem se encontra a imitação de muitas formas modernas. O todo do edificio serve de base a uma torre ornada de columnas gregas, dominada por uma estatuia colossal da justiça. A torre dá bizarro aspecto a esta pesada construcção de marmore branco na fachada, e de pedra parda nas outras partes menos expostas ás vistas.

A *Hall of Records* (sala dos archivos) era antigamente uma casa de dois andares.

A cidade é adornada de grande numero de *squares* ou praças arborizadas. *Washington-Place* é particularmente destinada aos exercicios da milicia. A *Union-Place* é, sem contradicção, a mais bella. Situada no bairro elegante, é frequentada pelos habitantes das sumptuosas habitações que a cercam.

Quadras historicas.

V

AS CRUZADAS.

Conclusão.

Todavia as cruzadas adiantaram muito a humanidade. O progresso deve-lhe o desinvolvimento de muitos dos seus germens; porque ellas destruíram em grande parte as velhas instituições da Europa. O oriente, foco das luzes, reservatorio dos ultimos lampejos da civilização grega, conservou-os-hia occultos, sem deixar que se expandissem no globo, se os europeus, guiados pelo fervor religioso, não fossem lá buscar as primeiras sementes civilisadoras, que depois se foram desinvolvendo pelos esforços de muitas gerações.

Abertos os portos do oriente, com a conquista de Jerusalem, o commercio da Europa, casando-se com o da Asia, recresceu de proporções. Foi abolida a escravatura, e toda a Europa começou a sentir os grandes melhoramentos, que as expedições do oriente lhe haviam trazido. Devassado o interior da Asia, onde estava o esplendor da civilização da epoca, os povos occidentaes puderam encaral-o tambem, e sentir-lhe os effeitos. Desinvolveram-se as intelligencias, e o genio, incitado pelos grandes exemplos, que ia colher n'esse deposito de primores dos antigos emporios da civilização, expandiu-se em vôos de gigante. As sciencias e as artes tomaram então um andar, por tal maneira progressivo, que se tornou como um renascimento da prosperidade da Grecia, e das grandezas romanas!

Foi porventura desde as cruzadas, que a Europa começou a dar os primeiros passos, posto que ainda tremulos, no caminho da renascença.

Tres seculos depois, estava concluida a obra em cujos fundamentos as cruzadas haviam lançado as primeiras pedras. E não foi muito, porque a regeneração, absoluta e immensa como foi, pedia largos tempos para desinvolver-se. Tres seculos depois das cruzadas, a Europa, sentada n'um esplendor

didado solio, orgulhosa das suas glorias, mostrava ao universo a sua supremacia em todos os ramos do progresso. As prós dos seus navios haviam já dobrado o Cabo das Tormentas, e sulcado os mares da Índia; e os seus valentes descobridores engravado os soberbos pavilhões nas praias do Novo Mundo! O que ella havia colhido ao oriente, medrando por quasi sobrehumanos esforços, foi-a elevando pouco a pouco ao capitulo da civilisação!

Todos os acontecimentos, per menores que pareçam, por mais insignificantes que se apresentem, tem sempre resultados importantes para o progresso da humanidade. As cruzadas, como um dos de maior vulto, também maiores consequências apresentou. A humanidade aproveitou d'ellas grandes meios de adiantamento, porque, no seu incessante caminhar, utiliza o menor dos impulsos que lhe dão. Como que adormecida ás vezes, desperta irrequieta ao menor movimento que lhe impõem. Caminhar sempre foi a sua sorte. Como uma grande machina movida por diversos agentes, a humanidade não descansa um momento; e o fulgor dos genios, o bramir das revoluções, a elevação d'uns imperios e a queda dos outros, servem-lhe como de força motriz! Progredir é a sua tarefa; e cada seculo que passa tem a jactar-se de ter adiantado mais alguns passos, a despeito dos embargos que lhe hajam posto. A idéa que não morre vence a fragilidade dos obstaculos materiaes, e parece ás vezes querer arrostar as leis supremas!! Prometheo, que representa um principio, sente estalarem-lhe os pulsos entre as algemas, rasgarem-se-lhe as carnes com as garras do abutre, e vive; vive sempre; audaz no martyrio, firme nos obstaculos, e superior em presença de Jupiter!

Um dos grandes resultados das cruzadas foi indubitavelmente a modificação do systema feudal. O povo viu-se um pouco mais livre d'esse jugo de ferro, e começou a reconhecer o seu verdadeiro valor. E alguns seculos depois, como leão rugidor, que se envergouhara de dormir tanto tempo sob as cadéas, levantou-se n'uma furia terrivel, horrosa, que arrastou duas realéas ao abysmo, ino-voltas no sangue de Withe-hall e da Praça da Revolução! Factos medonhos! Mas a humanidade não para na sua marcha, e para seguir ávante despressa o numero e a grandeza das victimas. E' o sacrificio individual pelo bem commum! E' o sacrificio do presente ao futuro; da geração que passa ás que hão de vir!

Foi também das cruzadas que resultaram as ordens da cavallaria, as quaes fizeram importantes serviços á christandade. Muito embora lhes tenham querido attribuir vicios; muito embora os templarios fossem julgados criminosos, quem poderá negar que haviam ajudado em muito os progressos da cruz? Antes talvez devamos convir que o ferrete de infamia com que Philippe o Formoso stigmatizou os cavalleiros do Templo foi porventura menos justo, que ilho da cubica, da ambição, e do egoismo! O protesto de Thiago de Mulay sobre as chammas que deviam consumir-o: as suas ultimas palavras, que a Providencia ou a fatalidade tornou em prophécia, attestam indubitavelmente a innocencia d'aquellas victimas da realéa e do papismo.

Simulacros de tribunal, os concilios de Paris e Vienna condemnaram; mas como crer na rectidão da justiça no seculo XII, quando os destinos do mundo estavam pendentes de dois arbitros supremos e absolutos — thiara e corôa? quando ainda mesmo, livre nas suas resoluções, esclarecidas pelas luzes do progresso, o magistrado tem de tremer nas anéas da duvida em presença de Deus, ao profundar a consciencia?!

Além da ordem do Templo, ainda das cruzadas se constituiu a teutonica e a dos hospitalarios. Estes ultimos, particularmente, sujeitos a piedosos preceitos, realisaram a mais santa moral do Evangelho — a caridade. O fim da sua instituição era dar gasalhado aos peregrinos e enfermos da Palestina, promptificar-lhe soccorros, fornecer-lhe os precisos recursos.

D'estes ainda hoje existem alguns com a denominação de cavalleiros de Malta.

E terminaremos aqui este esboço, que já vae longo.

ALFREDO PIRES.

Observações acerca da construcção dos vasos chinezes de guerra.

Por Fang-Heung-fei, Keen-Sang de Gan-King-Foo, um dos famosos conselheiros do imperador da China.

Jámais poderemos ser urbanos com os inglezes, cuja insubordinação e quotidiana audacia tem desafiado a paciencia do nosso povo, ao passo que as nossas embarcações de guerra se achavam guardando as costas maritimas.

Os habitantes d'algumas das nossas cidades commerciaes foram insultados por estes obstinados estrangeiros, e como não tivéssemos vasos proprios para lhes fazer frente no mar, aconteceu que nas ditas povoações, proximo ás praias, se reunisse a população e alguma gente de guerra com o fim de se defenderem dos premeditados insultos dos estrangeiros; estes deram-lhes com descargas de fuzil, e com quanto não estando os nossos tão destros em armas de fogo, visto serem a maior parte d'elles gente pacifica e do povo, todavia não desampararam os seus lares.

O aleivoso designio d'estes estrangeiros é incalculavel: as casas foram por elles violadas e derubadas; mas os mais obstinados d'elles pagaram cara a sua ousadia.

Sendo os canhões de seus navios mui mortiferos, a offensa não foi pela nossa parte condignamente retribuida; mas não devemos esmorecer com isso, porque temos muitos recursos.

Qual das nossas armas é menos efficaç do que as suas?

Ainda que os vasos estrangeiros movem-se com rapidez, em todo o sentido no seu curso, as nossas embarcações são mais maneiras nas manobras, e mais proprias para os ataques e retiradas, e é n'isso que consiste o segredo da victoria e derrota.

O numero dos navios inglezes não passa de trinta ou quarenta, e são de grande porte, e difficeis em manobras no tempo de calma; por isso sendo como são as nossas embarcações muito mais ligeiras, em todos os tempos, e estando ellas completamente armadas e bem distribuidas, é fora de duvida, que alcançaremos vantagens sobre os inimigos nas occasiões de alarme, fazendo contra elles intenso fogo, accommettendo-os por todos os lados, empregando para este fim balas de fogo e mixtos incendiarios, até pôr aquelles velhacos em precipitada fuga, e vedar-lhes as entradas para os rios interiores; havendo ao mesmo tempo precaução, com os nossos barcos, de quando houver muito vento e receio de perigo, retirarmos a um ancoradouro seguro na costa do sertão.

As nossas embarcações de guerra devem ser fabricadas de maneira tal, que tenham dois pranchões com alura conveniente em ambos os bordos para também baterem os piratas, e cobertas de defensas (redes dos pescadores), sendo estas bem cortidas n'agua salgada, afim de que os tiros dos piratas não nos façam grandes estragos, e ao mesmo tempo permitir que a nossa gente possa com socego manobrar, e repellir aquelles malfiteiros, empregando-se agua para extinguir o fogo dos mixtos, que porventura contra nós lançarem, e defendendo-se em todos os approches.

Os vasos estrangeiros são mui grandes e pesados, e sem vento não podem avançar; por tanto devemos empregar sobre o oceano embarcações ligeiras guarnecidas de gente bem destra e experimentada, e também alguns barcos dos pescadores servirão com bom resultado, todos elles no ataque e defesa contra os estrangeiros, que serão repellidos com todo o furor, empregando-se artificios de fogo, e uma linha de nossas embarcações os cercará por todos os lados, pondo fogo e furando o costado dos navios inimigos.

Como as lorchas dos pescadores são baixas e pequenas, os tiros d'aquelles barbaros não nos farão mal, e d'esta forma será o inimigo posto em miseravel estado e nós completamente vingados.

Então os nossos que ficarem victoriosos ganharão muita agilidade e coragem, e serão os mais aptos para outras similliantes empresas, cujos resultados das suas fadigas são ao mesmo tempo as nossas maiores glorias.

Sou de opinião que cada porto maritimo tenha

ao menos dez embarcações de guerra, alugando pescadores que tem sido empregados toda a sua vida no mar, e que tenham qualidades sufficientes, e sejam peritos e destros, tanto nas manobras das embarcações, como em occasião de fogo, e de tudo o mais que é proprio de bons marinheiros.

Cada vaso terá um complemento de cem homens e alguns officiaes do mar para os dirigir, fazendo-os cruzar nas costas maritimas para a protecção dos pacificos habitantes d'ellas, e apprehensão e derrota dos malevolos.

Não é assim? Cada porto e logar de commercio ao longo da costa, assim como *Chin-hae, Ningpo*, e outros, que longo tempo tem sido francos, alguns d'elles tem mais de cem lis (cada li é um decimo de legua) de distancia da costa.

Tient-sin dista quasi cento e vinte lis, e os mais distam aproximadamente muitas dezenas de lis, e todos estão fora do alcance da artilharia estrangeira.

Comtudo estes obstinados sabendo que não temos embarcações sufficientes para cohibir as suas prepotencias, por isso vem directamente desafiar-nos nos nossos rios interiores, derribando as nossas fortificações, e precipitadamente accommettem o povo á pillagem, o que não aconteceria se estivessem bem guardadas as margens dos rios, tanto d'um como d'outro lado; porque então não se aventurariam elles a entrar com receio das nossas embarcações, que, pairando nas boccas dos canaes, os fariam immediatamente retroceder.

E d'esta forma não pouparíamos a anciedade e afflicções dos habitantes das nossas cidades?

Além d'isso servem as ditas nossas embarcações para serem collocadas nas diferentes paragens com o fim de impedir os degenerados chinas, que com o pretexto de fornecer viveres e agua aos navios estrangeiros, traficam com elles em opio, cujo nocivo producto tem flagellado, e posto namiseravel condição o nosso povo.

Os maiores racionadores tem feito ver, o quanto é pernicioso a negligencia de simillante natureza, e esforcemo-nos em reprimir o mais que for possível este ruinoso abuso.

Na conta que se apresentou depois de feita a denominada — interrompida paz, se tem designado uma quantia para a conservação das embarcações do estado; esta somma é excessivamente pequena para a sua reparação e construcção, sendo a nossa maior repugnancia fazer menção da deficiencia da madeira e escasso provimento de pregos etc. ficando assim ellas expostas ás variadas impressões dos ventos e ondas, que as reduzem brevemente a total incapacidade para o serviço.

A quantia necessaria para construir as referidas embarcações monta a dez mil taéis de ouro para cada uma, e para a reparação e construcção de todas, carece-se um milhão de taéis, somma sufficiente para que a nossa armada fique bem construida, reparada e equipada. E' só d'esta formá que poderemos empregar-a com vantagem em reprimir as aggressões dos nossos adversarios.

Quando se empregar este dinheiro nas mencionadas construcções e reparações, e na soldada dos maritimos, de certo se pouparão muitos mais despendios para o futuro, e seremos assaz compensados com maiores melhoramentos, do que presentemente temos experimentado.

O tempo preciso para uma tal construcção e reparação deve por certo ser mui longo, e por isso poderemos no entanto afretar embarcações mercantes para o serviço em questão, como também alguns barcos dos pescadores para as auxiliar. Estes pescadores são certamente mui intrepidos na occasião de tormentas, e acostumados aos estragemas da guerra. Promptada assim a nossa marinha militar, estaremos livres de todas as anciedades.

Tenho a maior satisfação de apresentar uma indicação do serviço em que deve ser occupada a nossa força do mar, nos seguintes portos.

Tien-tsin, Fung-tien, Hoo-mun (Bocca Tigre), em *Quang-tung*, e *Amoy* em *Fuh-Kien*, que são grandes portos do mar, e requerem que estejam em cada um d'elles estacionadas vinte velas.

Ting-hae em *Che-Kiang* quinze, *Tso-poo* na mesma provincia dez; e as embarcações d'estas duas estações se ajudarão mutuamente.

Tsung-ming em *Keang-soo* terá quinze, *Shang-hae* dez, e prestarão também estas a mutua cooperação.

Fuh-chow em *Fuh-Kien*, e *Ting-chow* em *Shan-tung*, como são ambos portos bem estreitos e facilmente defensáveis, basta que estejam por ahí dez vasos.

O total é cento e cinquenta embarcações de guerra para estacionarem em dez portos; as quaes no tempo de paz transitarão d'um a outro porto, para no caso de perigo darem alarme.

Fuh-chow e *Amoy* serão soccorridos mutuamente, e da mesma forma *Keang-soo* e *Che-Keang*; e também *Shan-tung*, *Tien-tsin*, e *Fong-tien*.

Quando houver bom vento e maré, as nossas embarcações fazem mil lis de caminho em um abrir e fechar d'olhos, e por isso farão com que os inimigos parem nos seus progressos; perseguindo-os pela retaguarda, e cercando os barbaros por todos os lados, e estando a nossa força bem provida de gente e meios de defesa, em qualquer conflicto teremos de certo a victoria.

Com estes cento e cinquenta vasos no mar seremos mais fortes do que com centenas de milhares dos bravos em terra.

Então qual é a força estrangeira que ousará fazer-nos frente?

Certamente é deufanar, que sendo a nossa força marítima tão bem organizada teremos sempre o triumpho, como é claro e evidente.

Antigamente o almirante *Le* com uma frota de trinta vasos destruiu mais de trezentas embarcações de piratas.

Cantão chegou a possuir oitocentos d'estes barcos pertencentes ao *Tsae-Keen*, o grande pirata da ilha Formosa, cujas embarcações o governador geral *Yáou* poz ás ordens de *Ching-Che-lung*: ambos estes heroes, por meio da armada exterminaram todos os piratas, que sendo em muito maior numero ficaram vencidos pelo pequeno numero dos nossos bravos.

A nossa armada, depois de prompta, é destinada aos dois fins principaes que já fiz ver, e estou persuadido que a vista d'ella os turbulentos estrangeiros serão bem submissos, e nunca quereão commosco arriscar batalha.

Não é esta a politica de alta ordem?

A reedificação, portanto, da nossa frota naval é presentemente de absoluta necessidade.

«O dormitório deve ser sempre bem conservado.» (Maxima de *Kwo-Yu*).

«Quem projecta a cultura de Artemisia em tres jardas de terreno, terá que colher o dobro do seu producto.» (Maxima de *Meng-tsze*. Livr. 4.ª secção 9.ª)

Organizada assim a nossa força os barbaros serão completamente expulsos, e as nossas embarcações servirão no cruzeiro contra os piratas; e com tão justa e efficaz medida, as mais remotas nações temerão de nós, implorarão o nosso auxilio, resultando para nós um duravel e prospero governo.

Doas mulheres da epoca.

Romance contemporaneo.

Continuação.

VI

UMA COISA INESPERADA.

Um acaso inesperado ainda mais favoreceu o plano da piedosa visita.

A viscondessa passou a noite em casa da baroneza.

A' hora marcada, parou um *coupé* ao postigo do muro do jardim, que dava para uma travessa quasi destituida de predios e pouco transitada.

Cinco minutos depois, entre-abriu-se uma das vidraças do palacio que communicava com a varanda de marmore, e Julia appareceu involta n'uma capa de casimira escura, cujo capuz lhe occultava inteiramente a cabeça e o rosto.

Julia atravessou rapidamente o jardim, dirigindo-se ao postigo do muro; quando chegou, e o viu fechado, fez um gesto de impaciencia, como se uma idéa qualquer se lhe tivesse suggerido con-

tra todas as outras que tinha combinado para effectuar o plano da projectada visita.

O postigo estava fechado, como de costume, e a chave parava provavelmente nas mãos do jardineiro, porque só elle por ahí entrava e saía.

Julia tinha visto da janella o *coupé* voltar para a travessa que costeava o jardim; o padre Lunardi já a esperava; mas tinha esquecido prevenir-se com a chave, e a porta estava irremediavelmente fechada! Julia bateu levemente na porta com uma pedra, tornou a bater, e contra todas as suas esperanças, ouviu metter uma chave na fechadura; a porta gyrou movida por vigorosa mão, que abriu finalmente aquella barreira.

Julia achou-se em frente do padre Lunardi, que também estava involto n'uma capa comprida, e sem o classico chapéo derrubado.

— Comprehendi que lhe tinha esquecido pensar na chave para abrir esta porta, disse elle a meia voz.

— E' verdade! não faz idéa da minha afflicção!

— Felizmente, prevenendo-a, consegui evital-a. Vamos, não percamos tempo com explicações.

Julia subiu para o *coupé*, onde o padre Lunardi também tomou logar.

— Hade convir, minha filha, disse o padre Lunardi assim que os cavallos principiaram a andar; hade convir que abuso talvez do meu santo mister contra a vontade de sua mãe! Provo-lhe assim que me interesse pela sua felicidade...

— Pela minha felicidade?...

— Intima: não será pois uma felicidade intima satisfazer o desejo piedoso que me expoz a favor d'aquella gente miseravel? Enxugar-lhes as lagrimas, minorando-lhes a causa do seu soffrimento?

— Ah! sim...

— Posso portanto dar-lhe um conselho sem receio de o ver rejeitado.

— Queira dizer...

— Eu digo. Experimente o coração de algumas das pessoas em quem parece confiar cegamente.

— Quaes?

— Esse rapaz, por quem sente, segundo me disse, uma vivissima sympathia...

Julia soltou uma risadinha.

— Ah! enganou-me! disse o padre.

— Enganei-o? perdão, foi o padre que a si proprio se illudiu, pensando coisas estranhas ao que sinto.

— Tratámos, todavia, esta tarde de um rapaz sem fortuna, sim; mas excellente pessoa, muito digno do seu coração, muito digno...

— De quantos corações quizer... mas, segundo me recordo, foi o padre Lunardi que me disse estas formaes palavras: já sei tudo!

— E então?

— Deixei-o com as suas illusões.

— Mas expoz tão vivo amor por elle...

— Por quem?

— Pelo rapaz sem fortuna...

— E' porque o meu coração não ama as fortunas, ama outro coração. Fallei como se realmente eu amasse um pobre de Christo; mas o meu segredo ficou comigo!

— Ah! é isso o que se chama saber dissimular!

— Porque motivo imaginou o padre Lunardi que eu amasse esse rapaz sem fortuna; por outra, quem é esse tal rapaz sem fortuna a quem se referiu?

— Não sei; tintam-me dito... mas não fallei mais em coisas que não valem a pena!... So assim não é, melhor; meos desgostos hade ter. Mas não sabe que a estranho muito?

— Sim? perguntou Julia rindo.

— Muito!

— Ah! é do ar... o que se respira agora é mais livre... não acha?

O padre Lunardi ficou pensativo.

— Mais livre em que sentido? perguntou elle apertando na mão uma bengala grossa de canna da India, cujo castão era movedigo; e olhando desconfiado pelo postigo do trem.

— Não sei... mas, de facto, acho-o muito mais livre! E Julia respirou profundamente.

— Só se é por ser fora dos limites da casa paterna! observou o padre Lunardi. Não tem razão; porque sua mãe é muito sua amiga!

— Oh! muito!

— Ah! minha filha, que n'este momento trahiu todo o seu coração! Horroriso-me de ter adivinhado nas suas palavras; o que só no confessorio teria coragem de ouvir!

— O que? perguntou Julia assustada.

— Pelo amor de Deus, calemo-nos! Calemo-nos, minha filha... sua mãe não lhe merece similhante suspeita!

— Mas que suspeita?!

— Pergunte-o... por exemplo, á verdadeira razão pela qual recusa acompanhar sua mãe a casa da baroneza de Villamar; á razão pela qual se some nos seus aposentos todas as vezes que certas visitas apparecem nos salões da senhora viscondessa... e calcule se adivinhei ou não!

Julia reconheceu então a imprudencia das suas ultimas palavras; occultou o rosto com as mãos e recostou-se no angulo da carruagem.

O padre Lunardi aproximou a cabeça do postigo fronteiro, e disse rapidamente algumas palavras ao cocheiro.

Os cavallos voltaram immediatamente sobre a direita, descreveram um semicirculo, e ao estalido do chicote, precipitaram-se a todo o trote pela Junqueira em direcção a Belem.

— Iamos devagar de mais, não lhe parece? perguntou Pietro Lunardi a Julia.

— Agora devemos estar perto...

— Pouco falta.

Um quarto de hora depois parou o *coupé*, e abriu-se um portão para lhe dar entrada.

— Onde estamos? perguntou Julia com aquella precipitação com que uma triste e repentina realidade imprevisita fere, por assim dizer ao mesmo tempo, todos os nossos sentidos.

— Estamos em logar o mais conveniente possivel, respondeu o padre Lunardi em francez. Em um logar de piedade e de educação, entre piedosas e intelligentes mulheres que haode responder tanto pelo seu coração, minha filha, como pela sua razão, perante sua mãe e Deus!

— Não percebo... padre... não sei o que diz...

Oh! estou assustada!

— Irmã Maria da Purificação, disse o padre a uma irmã de caridade que se aproximou da portinhola do *coupé*, receba esta menina. E vós, minha filha, sede prudente: nota que temos n'aquelle cocheiro uma testemunha pouco intelligente, perante a qual seria ridiculo fazer o menor acto de resistencia. Queira apae-se.

— Obedeço, padre Lunardi; mas accuso-o perante Deus d'esta traição que me fez! Ah! eu ignorava que os padres fizessem o papel de beleguins, entre a arbitraria vontade de uma mãe e o coração de uma filha!

Julia apeou-se, e acompanhou a irmã Maria da Purificação para o edificio que ficava á direita do pateo.

Quando a porta se fechou, Pietro Lunardi apeou-se, e foi puxar pelo cordão que pendia ao lado de uma outra porta.

Não se ouviu nem o menor som de sineta; mas aquella porta abriu-se vagarosamente, e tornou a fechar-se sobre elle.

Pietro Lunardi atravessou um corredor, e entrou n'uma ermidasinha onde bruxuleava uma lampada.

Momentos depois, appareceu a irmã Maria da Purificação.

A piedosa mulher inclinou-se na presença do padre Lunardi, cruzando as mãos sobre o peito. O padre repetiu aquella saudação, e depositou religioso osculo na fronte da passiva creatura.

— Minha irmã, disse elle, a recemchegada é filha da viscondessa de Santa Isabel; chama-se Julia: odeia sua mãe porque a suppõe sua rival. Dae-lhe pouca liberdade: não a deixeis communicar com as outras asyladas: não lhe forneças livros além do Evangelho, nem penna, nem papel. Vigiae-a escrupulosamente. A paz do Senhor fique commosco!

— Amen! murmurou a irmã de caridade.

Seguiu-se a mesma saudação que acima disse-mos: o padre voltou pelo corredor, saiu, e subiu para o trem, que rapidamente tomou o caminho de Lisboa.

Continua. A. HOGAN.

A noite de Natal.

I

Que doces canções resoam no espaço! . . .
O mundo renasce em tal melodia;
Os anjos nas harpas cantam prazeres,
O orbe enlevando em grata harmonia!

E' noite! . . . que noite tão pura e bella,
Qual outra jámais aqui pode ver-se! . . .
E do astros, sem conto, o ceo marchetado
A terra mirando, e n'ella a rever-se!

As aguas espelham fulgentes strellas,
Que à terra despedem doce pallor:
A onda vem mansa a praia lamber:
A fonte susurra um hymno d'amor!

As aves não dormem em noite tão bella,
Que as vozes do ceo escutam pasmadas:
Apraz-se contente a ovelha no aprisco;
As feras no bosque jazem prostradas!

Lá sóa no monte o canto do gallo:
E' meia noite! . . . nasce outro dia! . . .
Os anjos nas harpas cantam d'est'arte,
Doce a toada, suave a harmonia:

«E' nascida a luz do mundo;
«Altos mysterios encerra!
«Gloria a Deus nas alturas,
«E aos homens paz na terra!»

II

Pela estrada da Judéa
A caminho de Belem,
Em demanda de Jesus,
Os pastorinhos lá vem:

Pois os anjos lhes disseram,
Em altas vozes dos ceos,
Haver n'essa hora nascido
O MENINO e HOMEM-DEUS!

Vem contentes celebrando,
Um tão subido favor,
Que põe remate às promessas
Dos prophetas do Senhor.

Trazendo n'alma fé viva
— A fé que os deve guiar,
Errar não hão de o caminho . . .
E como haviam-no errar;

Se uma estrella brilhante
Lá nos ceos a refulgir,
Indicava onde nascido
O que nos vinha remir!?

Offrendas trazem singelas,
Mas de subido valor,
Pois JESUS n'ellas descobre
Fé bem viva, e vivo amor.

Salvè, salvè, pastorinhos,
Que sois primeiros a ver
Enfado o DEUS MENINO,
Que por nós só quiz nascer.

III

Este curral
Em que nasce JESUS, quanto é formoso! . . .
Alcaçar de rei o mais poderoso
Não lhe é igual.

Tamanho amor
Qual pode dar com tanto sentimento!
Eil-o grande no mesmo abaixamento
O Salvador.

Da escravidão
Em que o mundo jazia ELLE o liberta!
Que o perdão de Deus já nos fez certa
A redempção.

Eis a sorrir
O divino Senhor inda menino!
Vem contente, na terra peregrino,
O ceo abrir.

Dos ceos o Rei
Ao sacrificio vem humanizado!
Eis o mysterio todo decifrado
Da antiga lei.

IV

Oh prodigio sem par! eu te saúdo . . .
Esquecidos já são passados males . . .
Estancaram-se as lagrimas! . . . Bemdito
Seja o Senhor que veiu assim remir-nos!

Nefando crime que perdera o mundo,
Tão santa expiação pedido havia:
Um deus baixou dos ceos; salvou do abysmo
A raça humana prompta a submergir-se;
Resgatou-a na santa caridade
Do grande amor com que desceu à terra
A revestir involucro terreno,
Para offerecer-se ao PADRE pelo homem,
Que do crime devia ser punido!

Cantemos, pois, tambem nosso resgate:
Nossas vozes ao ceo casadas subam
Co'esses hymnos que vem lá das alturas
Tamanha nova dar ao mundo inteiro.

V

«Oh! meu menino JESUS!
«Que vieste a resgatar-me,
«Deixae de rojo chegar-me
«Ao vosso throno de luz.

«Não me abandones, Senhor,
«Por ter vivido em torpeza,
«Salve-me a vossa grandeza,
«Resgate-me o vosso amor.

«N'essa creche em que jazeis,
«N'esse presepio deitado,
«Condoei-vos do penado,
«Senhor! não me condemneis.

«Se tão humilde logar
«Para nascer escolheste,
«Foi, Senhor, porque quizeste
«Humilde lição nos dar.

«Oh! meu menino JESUS!
«Que vieste a resgatar-me,
«Deixae de rojo chegar-me
«Ao vosso throno de luz.»

F. D. ALMEIDA ARAUJO.

A queda do Neptuno do Loreto.

I

O que é isso, Neptuno?! deus potente?!
Perdeste a tua antiga sob'rania?!
Já te escapa das mãos esse tridente,
Que as bravas ondas amansar sabia?!

Desces do pedestal, que era teu throno,
Aonde carrancudo te ostentavas?!
Acaso já não tens, alma de mono,
Enfurecidas ondas por escravas?!

Já não tens um Tritão a teu serviço,
Que o seu buzio soprando a teu mandado,
Faça erguer em furioso reboliço
Numerosos heroes do mar salgado?!

Não encontras no mar deuses valentes,
Capazes de fazer uma bernarda
Contra esses atrevidos, e insolentes,
Que te querem fazer hoje em mostarda?!

II

«Lá n'essas antigas eras
«Meu poder era sem par . . .

«Governei . . . fui rei devéras . . .
«Era meu o immenso mar! . . .
«Levantando o meu tridente,
«Via a meus pés de repente
«Monstros mil de forma ingente,
«Tremendo de me escutar! . . .

«As ondas enfurecendo
«Tudo sabia vencer! . . .
«Porém foi enfraquecendo,
«Dia a dia o meu poder! . . .
«O destino, inda incompleto,
«Concedeu que o meu espeto
«No chafariz do Loreto
«Mostrasse a quem o quiz ver! . . .

«Porém da sorte os azares
«Me qu'riam mais infeliz! . . .
«Não bastava ao rei dos mares
«Ser chefe d'um chafariz! . . .
«Não bastou, dias inteiros,
«Ouvir eu cantos bregeiros
«D'atrevidos aguadeiros,
«Sentados nos seus barris!

«Cedendo á furia tyranna
«Da cam'ra municipal,
«Desço como um vil banana
«Do meu nobre pedestal! . . .
«O vislumbre da grandeza . . .
«Da minha antiga nobreza . . .
«Vae succumbir á fereza
«D'um camarista brutal! . . .

«Que mais resta ao fado escuro
«Para augmentar meu soffrer?!
«N'algun cheiroso monturo
«Ir, esquecido, viver! . . .
«Como é fundo o meu tormento,
«Vendo em tanto aviltamento
«Quem no humido elemento
«Teve sob'rano poder! . . .

«Meu peito a custo resiste,
«A tão duro, e cruel mal! . . .
«Minha maior dôr consiste
«Em ter nascido immortal! . . .
«Neptuno! . . . deus desgraçado,
«Serás, apenas, lembrado
«Por poeta improvisado,
«Autor de versos sem sal! . . .

III

Ouvi-me, ó gallegos — os saccos largando,
Cobrinde de crepes os vossos barris,
Soltae tristes prantos ao ver desabando
Quem pode na queda quebrar o nariz.

E vós, ó poetas de boa e má raça,
A quem fazer versos cansaço não faz,
Em tristes endechas cantae a desgraça
De quem do Loreto já foi capataz.

J. I. D'ARAUJO.

O editor e proprietario do jornal *A Illustração Lusobrazileira*, previne os senhores assignantes, que, em consequencia do fatal golpe porque ha pouco acaba de passar, com o fallecimento de sua esposa ficando-lhe oito filhos, o mais velho dos quaes conta oito annos, suspende por algum tempo a *Illustração* porque sendo, como pae, responsavel pela educação de seus filhos, ou hade cuidar d'esse dever ou applicar-se á direcção do mesmo jornal.

Os senhores assignantes que quizerem completar a sua collecção da *Illustração Lusobrazileira*, queiram dirigir-se á rua do Ouro n.º 227 e 228, numeração antiga, onde acharão os volumes completos, semestres, ou mesmo alguns numeros avulsos, pelo preço da assignatura.

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE VOLUME.

(OS ASTERISCOS DENOTAM AS GRAVURAS.)

<p>Abbadia de S. Diniz em Franca * 339 Agrigento * 362 Alexandria * 363 Alva Estrella 47, 56, 63, 71, 79, 96 104, 149, 135, 159, 168, 184, 199, 223, 240, 248, 262. Amazonas (as) do rei de Siam 7 Ammon, Rabbath, ou Philadel- phia * 331 Amor (o) e o dever 280, 287, 295 303, 311, 349, 326, 334, 342, 350, 358, 366, 375, 382, 391. Amphitheatro de Benevente * 311 » de Nismes (o) * 214 Anecdotes 80, 136, 144, 160 Antilope africana (a) ou gnou * 18 » alpede (a) * 48 Aqueducto (o) da Amoreira em Elvas * 63 » (o) de Tarragona * 131 Arco triumphal de Bara * 281 Armações para a pesca do atum na costa da Sardenha * 210 Arnellas * 127 Arsenal (o) de Veneza * 222 Arvore do leite (a) * 32 Arzeb 286, 291, 302, 310 Aspecto pittoresco de Lucerna * 134 At-Meidan, em Constantinopola * 355 Axis (o) ou veado do Ganges * 48 Bakales (os dois) 271, 279, 287, 290 Barão (o) Alexandre d'Humboldt * 234 Batatas * 46 Bazar em Jaffa * 388 Berlin * 150 Blochaus (os) * 291 Bosphoro (o) * 11 Caça (a) aos elephantes entre os negros * 24 Camacans (os) ou mongoyos ** 3 Campo (o) do Forno em Vianna do Castello * 406 Canova * 487 Carta de sua magestade el-rei o senhor D. Pedro v * 225 Casa da camara de Lovaina * 372 » (a) da feitoria ingleza no Por- to * 82 » (a) das conferencias de Zuri- ch * 271 » (a) quadrada de Nimes * 241 Castello da Feira * 340 » (o) de Chillon sobre o la- go de Genebra * 30 » (o) d'Espally * 251 » de Falaise * 306 » (o) de Ham * 322 » de Pierrefonds * 427 » (um) gothico na Syria * 86 » (o) imperial de Petrovs- koi, proximo de Mos- cou * 348 Cataractas do Felou * 273 Cathedral (a) da cidade de Vilna * 54 Cavallo (o) * 167 Chambery * 399 Chegada a S. Vicente do prestito funebre de sua magestade a</p>	<p>rainha D. Estephania * 229 Christiania * 331 Cidade (a) de Bolonha * 246 » de Castello Branco * 27 » de Coimbra **** 91, 102 105. » d'Elvas * 438 » de Estavayer na Suissa * 59 » d'Evora *** 153, 162 » de Faro * 182 » do Funchal ** 218 » da Guarda * 267 » de Guimarães * 298, 305 » de Lagos * 378 » de Lamego * 395 » de Leonne * 184 » de Vercelli * 158 » de Verona *** 190 » de Vicencia * 286 » de Vienna d'Austria * 445 Commemoração da morte de sua magestade a rainha D. Este- phania * 225 Conselhos para fazer versos 399, 403 Considerações sobre um projec- to d'utilidade * 282 Contos populares da Irlanda: Aguas negras (as) 214, 218 Garrafa (a) encantada 139, 150 154. Convento de S. Miguel de los Reyes * 58 Corveta (a) Bartholomeu Dias * 18 Cronstadt * 302 Dantzic * 393 Delhi ** 10 Desconhecido [o] 295, 302, 311, 331 Dias crepusculares * 75 Doutor [o] José Manuel da Veiga 336 Educação * 26, 33 Egreja [a] de Santa Maria de Ta- vira ** 147 » metropolitana de Bucka- rest * 330 Embaixada portugueza aos reis de Siam, em 1859 * 174 Ems * 74 Erupção [uma] volcanica na ilha do Pico * 51 Eshoço sobre a litteratura ingle- za 51, 66, 74, 82, 97, 106, 140, 146, 162, 210, 314. Escola (a) d'Athenas * 323 Exercitos (os) sardo e austriaco ** 474 Expulsão (a) dos holandezes do Brazil * 83, 94, 98, 110 Fabricação do oleo de palma * 201 Forte (antigo) de Barbaste, jun- to de Nerac * 307 Forum de Roma (o) * 47 Fragmento * 313, 347 Galeria historica: Cavalleiro das armas ver- des (o) * 50 Conde de Flandres * 34 Conde de Tolosa (o) * 27 Harold ** 90, 137 Marquez de Montferrat * 14</p>	<p>Genio (o) da lingua portugueza 232 Goa (de) para Lisboa pelo Cabo da Boa-Esperança 363, 379, 386 Gruta de Fingal (a) * 22 Grutas e montanhas * 18 Guerras (antigas) dos gregos 362, 370 Hamburgo * 347 Ila sessenta annos 370, 379, 388, 391 402. Historia da actualidade 2, 9, 47, 25 33, 41, 49, 57, 65, 73, 81, 89, 97, 105, 113, 121, 129, 137, 145, 153, 161, 169, 177, 185, 193, 201, 209, 217, 231, 233, 241, 249, 257, 265, 273, 281, 289, 297, 305, 313, 321, 329, 337, 345, 353, 361, 369, 377, 385, 393, 401, 409. Hofwyl, proximo de Berne * 310 Hollanda * 353, 386 Homero * 474, 186 Ilha de Cós (a) * 42 » de Phile (a) * 211 Ilhas (as) Nicobar e Andaman * 15 Inglezes na India (os) * 59 Inquisição (a) em Portugal 310, 313 Introdução * 1 Jerusalem * 329 João d'Acre (S.) * 211 Jogo (o) * 19 Kufstein * 48 Labrador [o] * 39 Lago [o] de Garda * 195 » [o] e cidade de Como * 183 » Maior [o] e as ilhas Bor- romeas ** 113 » Titi [o] * 66 Leão [o] * 66 Lendas nacionaes: Castello d'Alcobaça [o] * 35 Celinda * 145 Cerco de Celorico [o] pelo infante D. Afonso, conde de Bolonha * 70 Pedro Julião * 182, 187 Litteratura portugueza * 42, 49 Madame Pfeiffer * 114 Manifestação dos instituidores da sociedade portugueza Madre- pora * 144 Maria Anna [S. A. R. a senhora D.] * 204 Mar Morto [o] * 6 » Vermelho [o] * 54 » * 382 Menina [a] dos cabellos brancos 123 430, 442, 455, 466. Mesquita de Musjid * 382 Milton * 147, 154, 170, 179 Minho [o] * 403 Miscellanea 56, 80, 104, 112, 128 160, 192, 200, 240, 256, 264. Modon * 297 Moinho egypcio * 355 Momentos [ultimos] da rainha D. Estephania * 274 Montanhas de marmore, em Car- rara * 494</p>	<p>Monte [o] S. Miguel * 146 Mosteiro de Rheiman [o] * 87 » [o] de Santa Clara de Villa do Conde * 403 Mundos [os] infinitamente pe- quenos * 3 Navegação do rio Amor * 6 New-York * 409 Noiva (a) da aldeia * 323 Noticia abreviada do reino de Sa- xonnia * 202 Noticias biographicas dos perso- nagens da guerra d'Italia 491, 199 215, 223. Nova York (de) a S. Petersbur- go, por terra * 25 Nympha (a) do lago Albano * 153 Observações acerca da construc- ção dos vasos chinezes de guer- ra * 410 Observatorio de Berlin * 346 Oliver Goldsmith 258, 266, 283, 289 Opiniões dos professores e mes- tres da universidade de Coim- bra sobre os direitos de D. An- tonio prior do Crato á successão do throno de Portugal * 398 Paizagens e costumes suissos * 324 Palacio d'Ajuda (o real) * 46 » de Barcelona * 366 » (o) d'Ibrahim-Pachá * 399 » do governo, em Pernam- buco * 258 » dos duques de Ferrara * 347 Pedra philosophal (a) * 62 Pekin * 40 Penha-Longa * 406 Personagens historicas: Ambrosio Paré * 242 Godofredo, duque de Nor- mandia * 38 Gutenberg * 279 Marquez (o) de Cinq-Mars * 38 Maximiliano I e sua mulher Maria de Borgonha ** 38 Riquet * 242 Rubens ** 278 Pesca (a) * 161 Pinheiros mansos * 178 Planta do collegio modelo * 293 Poetas: Adens (um)-á minha terra * 192 Album (no) da ex.^{ma} senho- ra S. da M. * 384 » (no) do meu amigo José Rodrigues * 392 Anjo (um) * 168 » (mais um) * 239 » rainha * 230 Aquillo é que são olhos! * 360 Brutos (os) sabios * 400 Ganção da comedia-drama, as Brazileiras * 72 » indiana * 112 Captiva (a) * 79 Coisas de que eu gosto * 263 Confidencias femininas * 8 Canto (o) da sultana * 280</p>
--	--	---	--

INDICE ALPHABETICO.

Despedida 263
 Deus ! 128
 Elogio ao rapé 288
 El-rei o senhor D. Pedro v (a sua magestade) 227
 Engeitado (o) 32, 40, 48, 55
 Estrella (a) 16
 » no ceo (mais uma) 256
 Eu e tu 96
 Fragmento do sonho do Eden do poeta Blomfield 112
 Judeu errante (o) 216, 224, 272
 Lyra do artista 256
 Lyrio (o) e a rosa 135
 Mania (uma) como qualquer outra 320
 Minha estrella (ã) 160
 Monge (o) 327
 Morte (ã) de sua magestade a rainha a senhora D. Estephania 234
 » (ã sentida) de sua magestade a rainha a senhora D. Estephania 239
 » (ã sentidissima) de sua magestade a rainha a senhora D. Estephania 239
 Mundanaria (a) 384, 400, 408
 Mundo (o) anda torto ! 336
 Não ames 88
 » tenho lyra 344
 Nauta (o) 408
 Noite (a) de Natal 442
 Passeio (um) às hortas 328
 Pastorinha (a) 200
 Porque choram ? 136
 Primavera (na) 64
 Prisioneiro (o) 304
 Quando soffres 360
 Queda (a) do Neptuno do Loreto 412
 Recordação (uma) 88
 Saudação 206
 Saudade (a) 247
 » 352
 Sem titulo 288

Se quizesse... 132
 Settas (as) de Cupido 368
 Sol (ao) 143
 Soldado (ao) 352
 Sonetos 272, 296, 335, 336, 343
 352, 368, 376, 384, 392, 400.
 Teus olhos (os) 296
 » » pedem-me tanto ! 312
 Titina 342
 Tocar desafinado 360
 Uma (a) flor 344
 Volho (um) de bom gosto 247
 Vens pallida ! 120
 Viagem do senhor infante D. Luiz á ilha da Madeira 23
 Viscondessa d'Algés (ã ex.ma) 120
 Ponte (a) de areia 299, 322
 Pontes nas ruas de grande concorrencia 170
 População da China 43
 Porta da cathedral de Tarragona 82
 » (a) de S. Paulo e o tumulo de Caio Cestio em Roma 103
 » (a) de Visnagra em Toledo 247
 Praça do mercado de Tivoli 388
 Principe de Galles (o) 234
 » Jorge de Saxonia (S. A. R. o) 205
 Propriedade (a) litteraria 158
 Quadras historicas :
 Carlos Magno 243
 Christianismo (o) 194
 Considerações 163
 Cruzadas (as) 374, 382, 387, 409
 Imperio (o) alemão 259, 270, 275.
 Islamismo (o) 206
 Quinta das Laranjeiras (a) 67
 » de Monserrate (a) 174
 » (a) do Freixo, sobre o rio Douro 30
 Recepção d'um patriarsha na Abyssinia 250
 Reggio 283
 Reinado de D. Affonso vi :

Desgraça do escrivão da puridade conde de Castel-melhor 318, 330, 346, 354
 361, 371, 377, 394, 401.
 Liga franco-lusitana de 1667 294
 298, 307.
 » de D. Pedro II 231
 Revolução (uma) na India portugueza 58, 78, 86, 90, 103, 107
 119, 122.
 Rio (o) da Cachoeira no Brazil 250
 » (o) Pó 167
 Romances :
 Duas mulheres da epoca 355
 366, 375, 382, 390, 406, 411.
 Memorias do coração 6, 15
 23, 31, 38, 87, 103, 118, 127, 134, 151, 167, 175, 183, 191, 198, 208.
 Van-Dick 211, 222, 251, 262
 271 .
 Ruinas (nas) 216, 254
 » de Cesaréa, na Palestina 290
 » de Itálica 95
 » de Postum 270
 Salvador Corrêa de Sá e Benavides 338, 345
 Santa Maria de Belem 2
 Sé d'Amiens 372
 » (a) de Montreal na Sicilia 143
 Spleen (o) 207
 Strasburgo 370
 Theatro de Santa Isabel, em Pernambuco 238
 Thermes (os) em Roma 118, 126, 131
 Torre (a) de Londres 371
 » (a) de S. Julião da Barra 11
 Trajo dos camponeses de Pontivy, em França 129
 Tremor (um) de terra no interior d'uma mina 303
 Tumulo de Abelard e de Heloisa 97
 » do arcebispo Philippe de Heinsberg 315
 Ultima (a) produção de Sigalon 143
 » (a) tentativa dos hollandes :

zes contra a cidade da Bahia 67, 74
 Urso (o) 99
 Vapor (o) Lusitania 262
 Villa (a) das Caldas de Rainha 10
 » de Caimha 42
 » de Campo Maior 11
 » de Castello de Vide 43
 » de Castello Rodrigo 27
 » de Castro Marim 58
 » de Celorico 62
 » de Certã 73
 » de Chaves 75
 » de Cintra 91
 » de Colares 107
 » de Coruche 123
 » da Covilhã 112
 » do Crato 126
 » da Ericeira 139
 » de Estremoz 154
 » de Freireira 178
 » de Freixo-d-Espada-à-Cinta 198
 » de Fronteira 199
 » de Garvão 219
 » da Golegã 251
 » de Gouvea 251
 » de Grandola 266
 » de Idanha a Nova 299
 » de Juromenha 379
 » de Linhares 398
 » de Ponte de Lima 388
 Vista (uma) da cidade de Florença e do Arno 118
 » da cidade de Leiria 338
 » de Hechingen, e Hohenzollern 228
 » do edificio de Santa Cruz de Coimbra 339
 » do interior da cathedral de Milão 323
 » do observatorio real, em Delhi, no Indostão 314
 » (uma) pittoresca do Rio de Janeiro 34
 Vulcões (os) 185
 Zebra (a) 22